



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN NEWSLETTER

NÚMERO 159
NOVEMBRO 2014



Coro Gulbenkian 50 anos

4

Coro Gulbenkian – 50 anos

Dois anos depois do nascimento da Orquestra Gulbenkian, em 1964, surgiu um agrupamento coral que deu origem ao atual Coro Gulbenkian. A estreia oficial aconteceu a 27 de maio, na Igreja de São Vicente de Fora, no âmbito do VIII Festival Gulbenkian de Música. Este mês, os concertos de celebração da data incluem a apresentação de uma obra comemorativa encomendada ao compositor Eurico Carrapatoso, estreada com grande sucesso em Macau, um dia de concertos e outros eventos de entrada livre, e ainda um concerto participativo.



Coro Gulbenkian 2014 © Márcia Lessa



Igreja do Sacramento © Márcia Lessa

15

Prémio Vilalva

Premiar projetos de excelência na área da conservação, recuperação, valorização ou divulgação do património cultural português, construído (bens imóveis) ou móvel, é o objetivo do Prémio Vilalva. Já foram premiados projetos como o Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço ou a requalificação da Igreja do Sacramento (na foto), entre outros. As candidaturas para a edição 2014 encerram a 1 de dezembro.

16

Candidaturas ao FAZ-IOP

As candidaturas para a 4.^a edição do projeto Ideias de Origem Portuguesa, que integra a iniciativa de empreendedorismo social FAZ, abrem a **17 de novembro**. O FAZ-IOP foi lançado pela Fundação Gulbenkian há quatro anos para apoio a ideias desenvolvidas por portugueses ou filhos de portugueses emigrados, formando equipa com portugueses residentes em Portugal para concretizar projetos no país. Em outubro, o FAZ-IOP ganhou uma menção honrosa nos Prémios Europeus de Promoção Empresarial.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 159.NOVEMBRO.2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho **DESIGN** José Teófilo Duarte
Eva Monteiro | João Silva **[DDLX]** **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Coro Gulbenkian © Pedro Ferreira
IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Still do filme *Mamma är Gud*

18

Saúde mental e cinema

Intitula-se **Mind Rights Film Festival**, e reúne uma seleção de 22 curtas-metragens no âmbito de um fórum internacional sobre os direitos das crianças com incapacidade mental e intelectual, organizado pela Plataforma Gulbenkian de Saúde Mental Global. A 6 e 7 de novembro no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian.



Aspetto da exposição "A História Partilhada" © Mariano Piçarra

27

Exposições no Museu e no CAM

Quase centena e meia de tesouros dos palácios reais espanhóis podem ser vistos pela primeira vez em Lisboa, no Edifício Sede e no Museu da Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição mostra objetos, pinturas, esculturas, e sobretudo a história partilhada entre Portugal e Espanha. No Centro de Arte Moderna, a mestria do pintor António Dacosta pode ser admirada numa grande exposição que assinala o centenário do seu nascimento. Para ver até 25 de janeiro.

32

Nova edição de Eduardo Lourenço

Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista e outros Ensaios é o volume sucessor de *Heterodoxias*, lançado no final de 2011 pela Fundação Gulbenkian. Este novo livro é o segundo dos 38 volumes que integram o projeto que pretende reunir textos dispersos de Eduardo Lourenço, escritos entre 1945 e 2010.

índice

primeiro plano

- 4 **Coro Gulbenkian**
Meio século de vida

notícias

- 10 **Afirmar o Futuro**
15 **Prémio Vilalva**
16 **Combater o desemprego jovem**
16 **Projeto Ideias de Origem Portuguesa distinguido pela Comissão Europeia**
17 **Os bebés e a Felicidade**
18 **Saúde mental e cinema**
19 **Cromossomas colados no sítio errado comprometem estabilidade**
19 **Investigadores em retiro científico**
20 **CISA recebe fundações da CPLP**

21 breves

bolseiros gulbenkian

- 24 **Horácio Ferreira**

em novembro

exposições

- 27 **A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha**
28 **António Dacosta – 1914-2014**
29 **Salette Tavares – Poesia Espacial**
29 **Animalia e Natureza na Coleção do CAM**
29 **Caligrafia Japonesa**

cinema

- 30 **Uma luz diferente**
32 **novas edições**

- 33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

- 34 **Pelo caminho um ramo de paisagens para Carlos Nogueira**





Concerto inaugural do Grande Auditório, com a primeira audição moderna da obra *Te-Deum* de João de Sousa Carvalho, pelo Coro e Orquestra de Câmara Gulbenkian, dirigidos pelo maestro Gianfranco Rivoli, no dia 3 de dezembro de 1969.

Coro Gulbenkian

Meio século de vida

*Em 1964, o Coro Gulbenkian deu os primeiros passos, transformando por completo o panorama musical da época. Este mês de novembro será marcado pelas comemorações do cinquentenário em que se incluem a estreia em Portugal de uma peça encomendada ao compositor Eurico Carrapatoso dedicada ao Coro (dias 6 e 7) e um dia de Portas Abertas na Fundação com a participação de muitos coros nacionais (dia 9). O público junta-se ao Coro Gulbenkian para cantar a monumental *Carmina Burana* de Carl Orff, num concerto participativo (dia 30), um modelo experimentado em Espanha com grande êxito pela Fundação “la Caixa”.*

O nascimento

Em 1964, dois anos após o nascimento da Orquestra Gulbenkian, a Fundação decidiu dar um novo passo, investindo na atividade coral em Portugal, introduzindo um importante dinamismo nesta área. Este estímulo incluiu vários cursos de regência e de prática do canto coral, orientados pelos maestros Michel Corboz e Pierre Kaelin, bem como a atribuição de subsídios a grupos corais amadores. Este tipo de apoios já era concedido anteriormente, mas passou, a partir dessa data, a assumir um carácter sistemático e continuado por parte da Fundação, que os considerava um meio de compensar a dificuldade de acesso ao ensino formal da música pela maior parte da população do País.

A grande novidade foi a criação de um grupo coral residente destinado a interpretar “um repertório de obras *a cappella* de autores antigos e contemporâneos, e outras para serem executadas com a Orquestra de Câmara Gulbenkian”, tal como ficou registado no Relatório de Atividades da Fundação, entre 1963 e 1965, assinado por José de Azeredo Perdigão. “Cento e oitenta e cinco mil e duzentos escudos”, o equivalente hoje a pouco menos de mil euros, foi a verba disponibilizada pelo Conselho de Administração para assegurar a criação deste agrupamento. Lê-se também na ata dessa reunião assinada pelos administradores Kevork Essayan e Domingos Beck, duque de Palmela, e pelo embaixador Pedro Teotónio Pereira, que o coro passaria por uma “fase experimental até ao fim do ano de 1964”.

Aberto o concurso, mais de duas centenas de candidatos submeteram-se a provas, tendo sido selecionados 47 cora-listas escolhidos por um júri formado por 12 personalidades de reconhecida competência do meio musical português. A regência foi confiada a Olga Violante, com a colaboração de Pierre Salzman, assistidos por José Aquino e Victor Diniz. O primeiro ensaio realizou-se no dia 14 de fevereiro de 1964 num dos pavilhões temporários construídos no jardim da Fundação.

Coro de câmara e sinfónico

Passada a fase inicial, logo foi sentida a necessidade de aumentar o número de cantores, de modo a abranger repertório sinfónico. É que, entre outras razões, a Fundação tinha encomendado ao compositor Joly Braga Santos um *requiem* à memória do maestro Pedro de Freitas Branco, e um simples coro de câmara seria insuficiente para responder às exigências vocais da partitura. Além disso, “tratando-se de uma obra encomendada pela Fundação Gulbenkian a um compositor português e escrita em memória de um grande músico nacional”, adianta ainda José de Azeredo Perdigão no citado relatório, deveria fazer-



Primeiro concerto do Coro Gulbenkian na Igreja de São Vicente de Fora, a 27 maio de 1964.

-se “um esforço no sentido de conseguir que todos os intérpretes dessa obra, incluindo o coro, fossem portugueses”. Deste modo, foram selecionados 50 novos elementos entre os candidatos que já tinham prestado provas para o Coro de Câmara, facto que abriu a possibilidade de alargar a formação para cerca de uma centena de elementos, o que veio a permitir abraçar, a partir daí, obras corais sinfónicas. No fundo, a Fundação passou a dispor de dois coros. O núcleo fundador manteve o nome original de Coro de Câmara Gulbenkian, enquanto o mais alargado passou a designar-se simplesmente Coro Gulbenkian.

Primeiros concertos

A estreia oficial do Coro de Câmara deu-se no dia 27 maio de 1964, na Igreja de São Vicente de Fora, no âmbito do VIII Festival Gulbenkian de Música. O Coro atuou com a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direção de Urs Voegelin, na altura maestro titular da Orquestra de Câmara Gulbenkian. O público que encheu a igreja pôde assistir à primeira apresentação em Portugal da *Paixão segundo S. Marcos*, de Telemann. Inicialmente o maestro convidado para este espetáculo tinha sido Kurt Redel, responsável pela reconstituição da obra e pela sua audição moderna, mas problemas de última hora levaram à sua substituição. O programa seria repetido no dia seguinte no Porto, na Igreja de São Francisco.



Orfeu de Monteverdi, Grande Auditório, maio de 1973.

A formação mais alargada do Coro apresentou-se pela primeira vez alguns dias depois, a 3 de junho, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, num concerto que incluiu a referida estreia mundial do *Requiem* de Joly Braga Santos, dirigido pelo maestro António de Almeida e que, tal como tinha sido desejado pelo presidente da Fundação Gulbenkian, contou exclusivamente com intérpretes portugueses. No mês seguinte, precisamente no dia 16 de julho, a Orquestra e Coro Gulbenkian atuaram pela primeira vez em conjunto no Teatro Tivoli, em Lisboa, num concerto que deu a ouvir obras de vários compositores e que teve dois maestros em ação: Pierre Salzman e Olga Violante.

A partir daí e ao longo dos primeiros anos, o Coro apresentou-se em diversos teatros, salas de concertos e igrejas, não só em Lisboa e Porto como em diversos locais do país. Sucessivas gerações de coralistas que por ele passaram adquiriram a formação e a experiência necessárias para se tornarem cantores profissionais ou, em muitos casos, os futuros diretores dos principais coros do país.

Em colaboração com as principais orquestras do país – designadamente, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, numa fase inicial, e depois sobretudo com a Orquestra Gulbenkian –, o Coro contribuiu para realizar um número significativo de primeiras audições modernas de obras do repertório coral sinfónico clássico, romântico e contemporâneo. Ao mesmo tempo, foram centenas as obras de autores portugueses de entre o século XV e os nossos dias que o Coro revelou em primeira audição moderna, assumindo-se como principal embaixador da música vocal portuguesa.

Momentos marcantes

A estreia do Coro Gulbenkian fora do país ocorreu no Iraque, em Bagdad, em novembro de 1966, numa atuação conjunta com a Orquestra Gulbenkian. Realizaram-se dois concertos dirigidos pelo maestro Gianfranco Rivoli, inseridos na semana cultural organizada pela Fundação Gulbenkian por ocasião da inauguração do novo edifício do Museu e do estádio desportivo de Alsha'ab, totalmente construídos pela Fundação. A partir daí foram inúmeras as digressões internacionais realizadas pelo Coro em diversos festivais e palcos de prestígio.



Michel Corboz

Em 1967, o Coro Gulbenkian obtém o primeiro de uma série de prémios internacionais, o Grand Prix National du Disque. Este prémio distinguiu o registo das obras de Frei Manuel Cardoso e do Cancioneiro de Elvas sob a direção de Olga Violante (Ed. Philips). Desde aí, e ao longo de meio século, o Coro realizou mais de cinquenta gravações em disco com algumas das mais reputadas editoras discográficas europeias, tais como a Philips francesa (série «Trésors Classiques»), a Arkiv Produktion da Deutsche Grammophon Gesellschaft e, num segundo momento, sobretudo com a editora Erato.

O ano de 1969 foi especialmente marcante para a vida do Coro. Michel Corboz assume a direção artística por morte de Olga Violante e dá-se a inauguração do edifício Sede da Fundação onde o Coro passou a realizar concertos regulares com a Orquestra Gulbenkian, no âmbito das temporadas de Música, participando, desde então, em centenas de espetáculos dirigidos por grandes maestros internacionais. A partir dessa data, e no âmbito de um vasto plano de incentivo à criação musical lançado pela Fundação, foram também dirigidas encomendas e atribuídos prémios de composição a autores contemporâneos, tanto portugueses como estrangeiros. Muitos deles encontraram no Coro e na Orquestra os veículos adequados à estreia das suas criações.

ÓPERAS E *TE DEUM*

Ao longo dos anos, o Coro Gulbenkian levou ao palco um grande número de representações de óperas, do repertório tradicional barroco e clássico à ópera contemporânea. Ultimamente, a atividade operática tem vindo a intensificar-se, com a participação do coro em versões semicénicas ou encenadas de óperas de um repertório variado, incluindo óperas contemporâneas em primeira audição nacional ou a estreia de novas produções no estrangeiro. Salientam-se as colaborações com maestros como René Jacobs, Lawrence Foster ou Esa-Pekka Salonen, e o trabalho com encenadores de renome tais como Patrice Chéreau, recentemente desaparecido.

Merece destaque a apresentação, na Igreja de São Roque, dos *Te Deum* de compositores portugueses dos séculos XVIII e XIX, por vezes em primeira audição moderna. Estes espetáculos da iniciativa de Jorge Matta, maestro-adjunto do Coro, visaram reconstituir uma tradição cultural da história de Portugal: a celebração de grandes *Te Deum* de ação de graças no dia de S. Silvestre (último dia do ano) no quadro de uma pompa cerimonial eclesiástica típica do Antigo Regime, que incluía por vezes a presença da corte e da família real nas cerimónias. A RTP assegurou a sua transmissão em direto em vários anos consecutivos. Mais recentemente, o programa despertou o interesse dos canais Mezzo e TV France, que fizeram a sua transmissão em diferido.



Coro Gulbenkian no Mosteiro dos Jerónimos, Outubro 2013. © Mária Lessa

Direção artística

Olga Violante foi a primeira diretora artística do Coro, de 1964 até à sua morte, em 1969. Desde então, o cargo foi assumido pelo maestro suíço Michel Corboz, que, quatro décadas e meia depois, se mantém no lugar. Em 1971, Fernando Eldoro, que obteve uma bolsa da Fundação para estudar no estrangeiro, iniciou também uma longa colaboração com o Coro na qualidade de diretor-adjunto, cargo que entretanto foi ocupado por Jorge Matta, que iniciou a colaboração com o agrupamento em 1976. Mais recentemente, e coroando um período de longa colaboração com o Coro, Paulo Lourenço foi nomeado maestro assistente do agrupamento. ■

Estreia de encomenda comemorativa em Macau

Pequeno poemário de Pessanha, uma obra encomendada pela Fundação Gulbenkian a Eurico Carrapatoso, para assinalar o cinquentenário do Coro, foi estreada em outubro com enorme sucesso em Macau. O Coro Gulbenkian participou no XXVIII Festival Internacional de Música de Macau apresentando um amplo repertório que incluiu obras barrocas, renascentistas, populares e contemporâneas. O primeiro concerto realizou-se na Igreja de São Domingos, e foi dirigido por Michel Corboz, com um programa totalmente dedicado à música sacra. O segundo concerto teve lugar no Instituto Cultural de Macau. Dirigido por Jorge Matta este programa incluiu a estreia da obra de Eurico Carrapatoso.



Da esq. para a dir.: Paulo Lourenço, Michel Corboz e Jorge Matta.

Dia de Portas Abertas – 9 Nov.

Concertos, ensaios abertos, oficinas de canto e filmes são algumas das atividades programadas para este dia em que as portas da Fundação se abrem para receber todos os que quiserem associar-se às celebrações dos 50 anos do Coro Gulbenkian.

Para esta grande festa foram convidados vários coros do país, que vão atuar sucessivamente no Grande Auditório a partir do meio da tarde até à noite. São eles os coros do Teatro Nacional de São Carlos e da Academia de Música de Santa Cecília, os Regina Coelo, Ricercare, Viana Vocale, Musaico, DeCA, Spatium Vocale, o Coral de Letras da Universidade do Porto, os Coros de Câmara da Escola Superior de Música de Lisboa e do Instituto Gregoriano de Lisboa, e ainda dois coros infantis, da Universidade de Lisboa e do Instituto Gregoriano de Lisboa.

A última formação a atuar será, claro está, o Coro Gulbenkian, dirigido por Jorge Matta, que vai interpretar o *Magnificat* de Francisco António de Almeida. Para o Grande Final todos os coros presentes e o público serão convidados a cantar *Aleluia*, o célebre trecho do *Messias* de Handel que, em Inglaterra, se ouve tradicionalmente em pé nas salas de concerto, desde que o rei George II, emocionado, se levantou, na Abadia de Westminster quando ouviu esta sequência musical pela primeira vez.

Mas a festa não se vai realizar apenas no Grande Auditório. Para além de estarem previstas pequenas intervenções do Coro Gulbenkian nas escadarias do *foyer*, o público será convidado a participar em três oficinas, duas para adultos e outra para crianças dos 7 aos 14 anos. As oficinas para os mais crescidos têm lugar na nova sala de ensaios do coro, uma, dirigida por Jorge Matta, dedicada aos aspetos musicais e técnicos da interpretação do trecho *Aleluia*, da oratória *Messias* de Handel, e a outra, orientada por Giovanni Andreoli, dedicada à ópera. Já a oficina para crianças, a realizar no Auditório 2, será sobre Voz em Movimento e terá como formadora Erica Mandillo.

O público terá ainda oportunidade de assistir a uma conferência por Rui Vieira Nery sobre a evolução da música coral ao longo dos tempos e haverá também lugar para o lançamento de um CD com duas obras de António Pinho Vargas, *Requiem* e *Judas*. A primeira, encomendada pela Fundação ao compositor, foi gravada ao vivo em novembro de 2012 no Grande Auditório da Fundação, com Joana Carneiro a dirigir o Coro e a Orquestra Gulbenkian. Quanto à peça *Judas*, foi gravada em maio de 2004, sob a direção de Fernando Eldoro. Finalmente, será apresentado, no Auditório 3, um documentário produzido pelo canal Mezzo centrado no Concerto de Páscoa (*Paixão de São João*) interpretado pelo Coro e Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Michel Corboz. Para além de partes do concerto, realizado em 2008, o documen-



Ensaio do Coro Participativo © Mária Lessa

tário apresenta sequências de ensaios e entrevistas. No Grande Auditório é também apresentado o filme *Les Choristes*, realizado por Christophe Barratier: passado em

1948, retrata um internato de reeducação de menores onde um professor tenta transformar a vida das crianças através da música. ■

Programação

6, QUINTA, 21H

7, SEXTA, 19H | GRANDE AUDITÓRIO

**CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN
CONCERTOS COMEMORATIVOS
DOS 50 ANOS DO CORO GULBENKIAN**

Michel Corboz *maestro*

Jorge Matta *maestro*

Paulo Lourenço *maestro*

Rachel Harnisch *soprano*

Clémentine Margaine *meio-soprano*

Christophe Einhorn *tenor*

Marcos Fink *baixo*

Eurico Carrapatoso – *Pequeno poemário de Pessanha*
(Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian – Obra dedicada ao Coro Gulbenkian)

Georg Friedrich Handel – *The King Shall Rejoice*, HWV 260

Wolfgang Amadeus Mozart – *Requiem*, K. 626

9, DOMINGO, TODO O DIA

PORTAS ABERTAS – Grande Auditório

Celebração dos 50 anos do Coro Gulbenkian

Entrada gratuita sujeita aos lugares disponíveis.

Bilhetes disponíveis no próprio dia,

limitados a 2 por pessoa, a partir das 9h30.

30, DOMINGO, 11H E 16H,

GRANDE AUDITÓRIO

**CONCERTO PARTICIPATIVO
CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN**

Paul McCreech *maestro*

Anna Dennis *soprano*

Benedict Nelson *barítono*

Carlos Cardoso *tenor*

Carl Orff – *Carmina Burana*

www.musica.gulbenkian.pt



Paul de Grauwe © Márcia Lessa

Afirmar o Futuro

Políticas Públicas para Portugal

Nos dias 6 e 7 de outubro, o Auditório 2 da Fundação encheu-se para receber a Conferência Gulbenkian Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal. Foram dois dias em que vários especialistas das áreas de economia, política, finanças, saúde, território e ambiente, entre outras, mostraram as suas visões sobre o estado do país e apresentaram propostas sobre os caminhos a seguir para as políticas públicas em Portugal.

“Chegou a hora de Portugal entrar num novo ciclo de progresso”, afirmou **Artur Santos Silva** na sessão de abertura da conferência. Estava assim dado o mote para os dois dias durante os quais se procurou dar resposta a este desafio. Dividida em quatro temas – Instituições, Finanças públicas e reforma do Estado; Economia real e desenvolvimento sustentável; Políticas sociais; Território, ordenamento e ambiente –, a conferência serviu para mostrar que todas as áreas são essenciais, como reforçou o presidente da Fundação: “Todos os sectores da sociedade devem estar envolvidos nesta mudança.” Artur Santos Silva salientou ainda a importância do investimento privado para a cria-

ção de emprego e frisou que o sucesso das reformas depende de um consenso alargado, quer no plano partidário, quer no diálogo social. “Precisamos de cidadãos mais informados, mais esclarecidos, mais intervenientes e, sobretudo, mais responsáveis”, alertou Santos Silva, considerando ainda que “Portugal tem de saber descobrir um novo caminho que seja capaz de mobilizar todos nós”.

Em seguida, o comissário da Conferência, **Viriato Soromenho-Marques**, destacou o objetivo principal do encontro: “reunir perspetivas [de mudança] bem fundamentadas, sem filtros prévios” nas quatro áreas estruturais já mencionadas.



Miguel Cadilhe, António Bagão Félix e José António Pinto Ribeiro © Márcia Lessa

INSTITUIÇÕES, FINANÇAS PÚBLICAS E REFORMA DO ESTADO

“Vamos tratar de reformas, de estratégias e também de mudanças”, explicou **José Gomes Canotilho**, administrador não executivo da Fundação Calouste Gulbenkian e presidente de mesa. A abrir, **Marina Costa Lobo**, num trabalho conjunto com **José Santana Pereira**, apresentou “Uma proposta para a reforma do sistema político”. Com o objetivo de aumentar a proximidade entre eleitores e eleitos, sugeriu a alteração da estrutura de voto com uma abertura das listas partidárias nas eleições legislativas que permita aos cidadãos exprimir preferências por candidatos específicos. “A governação da Justiça e a celeridade processual” foi a comunicação apresentada pelo presidente da Fundação Francisco Manuel dos Santos, **Nuno Garoupa**, num trabalho conjunto com **Zélia Gil Pinheiro**. Após desconstruir alguns mitos sobre o tema – como, por exemplo, pensar-se que a crise da Justiça é exclusivamente portuguesa e que há “uma relação milagrosa” entre celeridade dos tribunais e crescimento económico –, Nuno Garoupa criticou as reformas feitas até ao momento, porque “ou falharam redondamente ou foram soluções de curto prazo”. E propôs uma reforma do governo da Justiça centrada no “abandono do modelo de conselhos judiciais e carreiras funcionalizadas”.

Sobre o tema “A reforma da administração pública”, **Miguel Pina e Cunha**, num trabalho conjunto com **Arménio Rego**, propôs “mais mudança com menos mudanças”. Na visão de

Miguel Pina e Cunha, “as sucessivas tentativas de reforma não têm alterado o essencial: o modo como as pessoas são envolvidas nas metas das organizações, a motivação e a recompensa do mérito”. Será necessário envolver as pessoas nas metas da organização, pois, “sem uma linha de rumo partilhada e orientada para o longo prazo, a reforma será uma eterna miragem”, sublinhou Pina e Cunha.

Paulo Trigo Pereira (do Institute of Public Policy Thomas Jefferson-Correia da Serra, parceiro nesta conferência), num trabalho desenvolvido com **Luís Teles Morais**, trouxe à discussão “Uma estratégia orçamental para Portugal”. Após dois alertas importantes – “as privatizações não resolvem o problema da dívida pública” e “não há margem para reduzir o nível de fiscalidade até 2018” –, Paulo Trigo Pereira destacou que “só uma redução dos juros da dívida (renegociação) permitiria uma consolidação mais amiga do crescimento”. E defendeu a necessidade de um compromisso político duradouro, pelo menos a cinco anos, sobre três áreas essenciais: função pública, pensões e fiscalidade.

No painel de discussão da manhã do primeiro dia da conferência participaram ainda os antigos ministros **Miguel Cadilhe, António Bagão Félix e José António Pinto Ribeiro**. Cadilhe salientou que “a carga fiscal a dividir pelo PIB *per capita* é a maior da Zona Euro” e que importa definir “qual a dimensão do Estado que queremos para Portugal”. Bagão Félix lamentou que o Estado esteja “cada vez mais refém de interesses corporativos, particulares, e capturado nas suas competências” e quantificou o custo da taxa atual de desemprego (14%) em oito mil milhões de euros por ano:

“São oito mil milhões de euros, para uma taxa de desemprego de 14 por cento. Com uma taxa de desemprego de oito por cento, Portugal teria menos 3500 milhões em encargos, é quase o valor de um défice”, sublinhou. Pinto Ribeiro reforçou a necessidade de “encontrar um programa de reforma que mobilize os portugueses”.

A fechar a manhã, a conferência de **Ricardo Reis** (Columbia University), “Gerir a dívida pública numa união monetária e financeira”, abordou os benefícios de um maior orçamento comum a nível europeu e de um subsídio de desemprego de contribuição europeia. Para Ricardo Reis a emissão de dívida pública portuguesa deve privilegiar as maturidades mais longas (ou seja, prazos de pagamento mais dilatados) e ser feita com menor intervenção dos bancos nacionais: “Libertar os bancos do fardo da dívida pública permitiria libertar crédito para a economia de modo a promover o necessário crescimento.”

ECONOMIA REAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

João Leão abriu este tema com a conferência “Investimento, financiamento e competitividade” na qual se centrou em dois eixos fundamentais da futura estratégia de política económica: um primeiro que visa a recuperação do investimento, em particular no sector transacionável, uma vez que a evolução positiva das exportações nos últimos anos não foi acompanhada por um “ajustamento da estrutura da capacidade produtiva”; o segundo eixo centra-se numa estratégia que concilie crescimento económico e uma consolidação orçamental que “minimize a incerteza sobre os rendimentos das famílias e o impacto no mercado interno”. Já **Mário Centeno** apresentou “Mercado de trabalho: atores e políticas para o século XXI”, um trabalho feito em conjunto com **Álvaro A. Novo**. Centeno considera que na regulamentação atual do mercado de trabalho existe “demasiada proteção ao emprego e muito pouca proteção do rendimento”, o que promove uma grande “desigualdade e discriminação no mercado”. Durante a sua apresentação, ainda considerou que “o conhecimento das fronteiras do mercado de trabalho nos ajuda a elaborar propostas de regulação” e que se deve proteger o rendimento, aumentar a duração do emprego e canalizar a formação para quem dela necessita. Apesar de tudo o que ainda há a fazer nas políticas relacionadas com o mercado de trabalho, Centeno afirmou que “as ineficiências estão em grande medida nas políticas fiscal, de justiça e de concorrência e não há salários em Portugal para pagar estas ineficiências.”

“Inovação, I&D e relações Universidade-empresa”, a comunicação de **Manuel Caldeira Cabral**, destacou a evolução notável na ciência em Portugal nos últimos anos, nomeadamente na subida das universidades portuguesas nos *rankings* das melhores universidades do mundo. No entanto, esta melhoria tem sido acompanhada por alguma frus-



Ricardo Reis © Mária Lessa

tração, já que muitos consideram “insuficientes os resultados económicos extraídos do crescimento nos recursos científicos”. Apesar destes dados, Caldeira Cabral pensa que já existem outras formas de observar que as mudanças positivas na ciência começam a ter repercussões económicas, nomeadamente na transferência de tecnologia para empresas e no surgimento de novas empresas de empreendedorismo tecnológico. Finalmente, Manuel Caldeira Cabral afirmou que a “qualidade das nossas universidades pode ser um fator importante na atração de investimento estrangeiro”.

No painel de discussão em que participaram também **José Félix Ribeiro** e **Ricardo Paes Mamede**, **Tiago Pitta** e **Cunha** defendeu que “Portugal tem uma janela de oportunidade à sua frente, o mar”, que está subaproveitado e pode ser um dos nossos maiores recursos.

A apresentação que fechou o primeiro dia da conferência *Afirmar o Futuro* ficou a cargo do belga **Paul de Grauwe** (London School of Economics and Political Science), com o título “Is the Eurocrisis Over?”. De Grauwe é de opinião que para a Europa e a moeda única funcionarem, é necessária uma reestruturação da dívida e uma unificação maior a nível fiscal e político, para desfazer a desigualdade existente neste momento entre os países credores, que impuseram as suas leis, e os países devedores. A crise, na sua ótica, manteve-se devido a dois fatores fundamentais: “um ajustamento assimétrico dos desequilíbrios externos e um mau diagnóstico inicial”. Em resposta à pergunta colocada no título da sua apresentação, de Grauwe considera que a crise europeia ainda não chegou ao fim e que tal só poderá acontecer se a Europa passar a ser “um navio com um só capitão”, em vez de “uma frota de navios de pequeno porte”,

no qual o Banco Central Europeu deve ter um papel fundamental enquanto credor de última instância.

Políticas Sociais

O segundo dia da conferência iniciou-se com o tema das Políticas sociais.

Pedro Pita Barros expôs a sua proposta para a sustentabilidade do sistema de Saúde baseada numa boa gestão de recursos. Na comunicação “Despesa pública em saúde: cortando nós górdios”, argumentou que “é preciso fazer uma maior monitorização, assim como orçamentos realistas a três anos”, pois “um mau sistema de gestão consegue arruinar qualquer bom plano de saúde”. Lembrou também que “a criação de dívida não planeada impede a boa gestão e aumenta a despesa sem benefícios”, para sugerir que “os hospitais não devem reconhecer dívida se não estiver cabimentada”. Defendeu ainda a criação de uma *task force* de intervenção para a gestão hospitalar, “um misto de auditoria e consultoria estratégica”.

Jorge Bravo, em “Uma reforma sistémica do sistema de pensões”, apelou à criação de “um sistema único, com regras iguais para todos, sem regimes especiais” e que diversifique as fontes de rendimento na reforma: pública, privada e coletiva. Chamou igualmente a atenção para a necessidade de se evitar criar dívida para as gerações futuras, sugerindo “um sistema de contas individuais em que se contabiliza o que monetariamente cada um contribuiu e não o número de anos”.



Mark Blyth © Márcia Lessa



João Lobo Antunes © Márcia Lessa

“Desemprego, pobreza e exclusão social” foi o tema abordado por **Carlos Farinha Rodrigues** na comunicação “Para uma repartição mais justa dos efeitos do ajustamento”. Perante o atual quadro de pobreza e desigualdades, agravadas pelas medidas de resposta à crise económica – “nas prestações direcionadas ao combate à pobreza temos valores mais baixos que a média europeia e a eficácia redistributiva das prestações sociais é limitada: 42 por cento destinam-se aos 20 por cento mais ricos” –, propôs a introdução de novos mecanismos que garantam uma distribuição mais equitativa dos apoios sociais.

No painel de discussão que se seguiu, **Eugénio Fonseca**, presidente da Cáritas Portuguesa, salientou que “é preciso pensar na diminuição do desemprego e no aumento do nível de emprego, pois não são a mesma coisa”. **Margarida Corrêa Aguiar**, do Banco de Portugal (e antiga secretária de Estado da Segurança Social), lamentou “a falta de transparência e de escrutínio público” no sistema de pensões, que “favorece a manipulação política e a arbitrariedade das medidas”. **Fernando Medina**, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, pediu “uma reforma verdadeira na gestão geral do país, desde logo ao nível do Ministério das Finanças”, e considerou que “a razão de fundo da desigualdade é o défice de qualificação”. **Ana Sofia Ferreira**, da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, frisou que “os aspetos financeiros das políticas públicas sociais são dominantes e os valores estão a ficar esquecidos”. Na conferência “O estado social somos nós”, **João Lobo Antunes** (Universidade de Lisboa), após desenhar uma retrospectiva histórica sobre as origens do estado social no mundo, na Europa e em Portugal, chamou a atenção para o “perigoso equívoco de assumir que a ameaça ao *welfare*



Artur Santos Silva © Mária Lessa

state é apenas económica”. Lobo Antunes sublinhou a necessidade de recentrar o conceito de saúde enquanto “bem-estar físico e social e não apenas como ausência de doença” e considerou que “uma redução de custos sem avaliar os resultados dos cuidados prestados é perigosa”. Até porque a saúde traz vantagens para a economia: “por cada ganho de esperança de vida o *output* económico cresce quatro por cento”, esclareceu. “Precisamos de saúde em todas as políticas, de cuidados sociais centrados nas pessoas”. Um dos oradores estrangeiros convidados, **Mark Blyth** (Brown University) apresentou a sua visão sobre as origens da crise económica na comunicação intitulada “When you find yourself going through hell, look for an exit”, em que aconselhou os europeus a exigirem mais dos políticos e menos dos bancos centrais. Mark Blyth fez ainda notar que o crescimento da dívida pública é uma consequência e não uma causa das políticas de austeridade. E defendeu que Portugal precisa de um novo modelo de crescimento, com políticas plurianuais e participação ativa da sociedade civil. “Se os bancos forem recapitalizados e deixarem de ser espremidos, consegue-se parar a deflação. E se fizerem isto, tudo é possível. Mas se não o fizerem, o inferno continua.”

TERRITÓRIO, ORDENAMENTO E AMBIENTE

O último tema da conferência começou com a apresentação “Energia e Ambiente”, por **Eduardo Oliveira Fernandes**, desenvolvida em conjunto com **Carlos Pimenta**. Segundo Oliveira Fernandes, afirmar o futuro também é encontrar uma outra forma de ver a energia para o benefício do desen-

volvimento do país. Durante a sua palestra, considerou que são necessárias medidas em três áreas fundamentais: “a descarbonização da matriz elétrica”, “a otimização dos recursos energéticos endógenos” e a “gestão e planeamento do território ao nível das cidades e das áreas metropolitanas”. Seguiu-se “Território e cidades”, de **João Seixas**, criado em conjunto com **Teresa Sá Marques**. A apresentação foi uma reflexão sobre as políticas que têm sido aplicadas, sobretudo ao nível de infraestruturas e grandes equipamentos. Seixas observou que neste momento temos “um país com muita urbanização e pouca cidade” e ainda “vastias partes do território completamente desvitalizadas”. Considerou por isso que é importante definirmos “que tipo de território queremos para Portugal no futuro”, uma vez que “tratar do território é tratar da nossa soberania e da nossa identidade”. **António Figueiredo** apresentou o *paper* escrito com **Elisa Babo**, “Territorialização de políticas sectoriais: cultura e inovação”. Nesta comunicação, António Figueiredo defendeu que é fundamental pensar nas políticas territoriais em conjunto com a cultura e a inovação, como indica o título da apresentação. Figueiredo considera que “territorializar as políticas públicas é mais eficaz do que políticas centralizadas e territorialmente cegas” e que há desafios na cultura e na ciência que devem ser abordados, nomeadamente, a criação de “uma agenda nacional para a criatividade” e, na inovação, é importante “a consolidação dos sistemas de atores e a clarificação de territórios pertinentes”. No último painel de discussão, **Helena de Freitas**, **Jorge Vasconcelos**, **Luísa Schmidt** e **Armando Sevinate Pinto** apresentaram ideias sobre os vários temas das suas áreas com o desafio de Helena de Freitas que considera que, “nas cidades, está tudo por fazer no domínio da biodiversidade”. As apresentações e gravações da conferência *Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal* podem ser consultadas em www.conferencia.gulbenkian.pt. ■



Viriato Soromenho-Marques © Mária Lessa



Museu do Caramulo, Prémio Vilalva 2013

Prémio Vilalva

Até 1 de dezembro, estão abertas as candidaturas ao Prémio Vilalva que distingue anualmente um projeto de excelência na área da conservação, recuperação, valorização ou divulgação do património cultural português.

São considerados projetos elegíveis para este prémio todos os que se reportem a bens imóveis e móveis de inquestionável valor cultural, que apresentem um projeto de inserção e reutilização sempre que se verificar uma alteração da função do bem em causa, que evidenciem uma liderança técnica reconhecida, e que não sejam propriedade ou tutela do Estado.

No valor de 50 mil euros, o Prémio Vilalva foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva, tendo sido atribuído pela primeira vez em 2007, ao projeto de Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço, em Lisboa. Em 2008, foi distinguido o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja pelos projetos Monumentos Vivos e Festival Terras sem Sombra de Música

Sacra do Baixo Alentejo. Em 2009, foi premiada a recuperação das ruínas romanas de Ammaia, em Marvão; e, no ano seguinte, a Irmandade do Santíssimo Sacramento pela ação desenvolvida na recuperação da Igreja do Sacramento, no Chiado, em Lisboa. Em 2011, o júri distinguiu o projeto de recuperação de um edifício pombalino na Baixa de Lisboa, da autoria do ateliê José Adrião Arquitetos; em 2012, escolheu um projeto açoriano de requalificação e musealização de um conjunto escultórico do século XIX, o Arcano Místico de Madre Margarida do Apocalipse. No ano passado, o Prémio foi atribuído ao projeto de requalificação do Museu do Caramulo, que incluía a modernização das suas salas e atualização museográfica. ■

www.gulbenkian.pt/Premios

Combater o desemprego jovem

No dia 5 de novembro, na conferência *Emprego Jovem e Empreendedorismo Social: Novos Caminhos*, serão apresentadas perspectivas inovadoras para criar emprego jovem e discutidas experiências bem-sucedidas em diversas partes do mundo.

A sociedade civil vista como motor de mudança é uma das visões que os especialistas internacionais convidados trazem para a discussão. As organizações não governamentais (ONG) devem cooperar com as empresas para enfrentar esse desafio, criando ambientes mais propícios para a inovação e o empreendedorismo social e facilitando a transição dos jovens entre o sistema de ensino e o mercado laboral.

A conferência é organizada pelo Programa Cidadania Ativa (Fundação Calouste Gulbenkian), em colaboração com o Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants), financiado pelos países da EFTA (Noruega, Islândia



e Liechtenstein). Este mecanismo foi criado como contrapartida da abertura dos mercados da União Europeia aos produtos e serviços destes três países, traduzindo-se no apoio a projetos nos 16 países menos ricos da UE, entre os quais Portugal. Esses projetos incidem em áreas tão diversas como o mar ou a cidadania e assumiram, no último ano, o desemprego jovem como uma grande prioridade.

A Fundação Calouste Gulbenkian é a única entidade privada portuguesa gestora dos EEA Grants. Do conjunto das verbas atribuídas pelos EEA Grants a Portugal, o Cidadania Ativa dispõe de 8,7 milhões de euros destinados a apoiar projetos promovidos por ONG. Uma importante fatia – 2,1 milhões – destinou-se a financiar projetos dirigidos a desempregados jovens, jovens que abandonaram a escola e/ou jovens em contexto de vulnerabilidade, visando a sua empregabilidade e inclusão social. ■

Projeto Ideias de Origem Portuguesa distinguido pela Comissão Europeia



A iniciativa FAZ-Ideias de Origem Portuguesa (FAZ-IOP), promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, foi distinguida com uma menção honrosa nos Prémios Europeus de Promoção Empresarial, numa cerimónia realizada a 2 de outubro, em Nápoles.

Organizados pela Comissão Europeia, os Prémios Europeus de Promoção Empresarial (European Enterprise Promotion

Awards – EEPA) têm como objetivo distinguir boas práticas de promoção do empreendedorismo na Europa. Este ano foram apresentadas 53 candidaturas à fase nacional do concurso, que tem como *pivot* o IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação. Portugal foi, pela terceira edição consecutiva, o país que mais candidaturas mobilizou no conjunto dos 32 países participantes nos EPPA, tendo contri-

buído com 15 por cento do total dos 358 projetos candidatos a nível internacional. O FAZ-IOP foi o projeto nacional vencedor na categoria de Empreendedorismo Responsável e Inclusivo e um dos dois únicos projetos portugueses apresentados pelo IAPMEI à fase final europeia do Prémio.

O Grande Prémio do Júri foi atribuído em Nápoles a um projeto húngaro de promoção empresarial dirigido a mães com filhos pequenos, o *Encouraging Business Start-ups by Mothers with Young Children*. O FAZ-IOP recebeu uma das três menções honrosas atribuídas pelo Júri, a par com um projeto britânico e outro austríaco.

O FAZ-IOP foi lançado pela Fundação Gulbenkian em 2010 para apoiar projetos desenvolvidos por portugueses ou filhos de portugueses emigrados, formando equipa com portugueses residentes em Portugal para a sua concretização em território português. O projeto integra a iniciativa global FAZ, criada em parceria com a Cotec e com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros. As candidaturas à 4.ª edição do FAZ abrem a **17 de novembro**. ■

www.ideiasdeorigemportuguesa.org



Os Bebés e a Felicidade

Em maio do ano passado, a Fundação Calouste Gulbenkian promoveu, em conjunto com a Fundação Brazelton/Gomes-Pedro para as Ciências do Bebê e da Família, a conferência *Valuing Baby and Family Passion towards a Science of Happiness* (Valorizar a paixão no bebê e na família – para uma ciência da felicidade). As comunicações produzidas na conferência estão agora disponíveis em livro.

Num momento em que a sociedade portuguesa apresenta a terceira mais baixa taxa europeia de natalidade, um número cada vez menor de casamentos e uma das taxas emergentes mais alta de divórcios, é fundamental pensar no desenvolvimento do bebê num contexto familiar e social. Na conferência foram apresentadas novas linhas de atuação que passam pela introdução de conceitos como o

da felicidade no léxico científico da especialidade, algo impensável há pouco tempo atrás. Tal como afirma João Gomes-Pedro, coordenador científico da conferência e do livro, “o conceito de felicidade assenta, primeiramente, no facto do ‘ser’ e ‘pertencer’ constituírem um dos pilares de sustentação da resiliência infantil. É a capacidade de criar ‘estádios diádicos da consciência’ com alguém muito especial – em primeiro lugar a mãe e o pai – que garante um sentimento de coerência identificado com um estado de maior ou menor felicidade”.

O livro reúne as intervenções científicas, mas com uma linguagem bastante acessível, de T. Berry Brazelton, Nadia Bruschiweiler-Stern, Marilyn Davillier, Stefan Klein, Barry Lester, J. Kevin Nugent, Joshua Sparrow e Edward Tronick. ■



Still do filme *Dins la Bombolla*

Saúde Mental e Cinema

A 6 e 7 de novembro, uma seleção internacional de 22 curtas-metragens que falam sobre saúde mental vai ser exibida no **Mind Rights Film Festival**, no âmbito de um fórum internacional sobre os direitos das crianças com incapacidade mental e intelectual que vai decorrer no Auditório 2 da Fundação, organizado pela Plataforma Gulbenkian de Saúde Mental Global. Entre os filmes a exibir ao longo de três sessões (dia 6 – 11h, 14h30, 17h), alguns em estreia mundial, encontra-se *Mergulho*, do realizador português Pedro Sena Nunes, uma coprodução com a Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa.

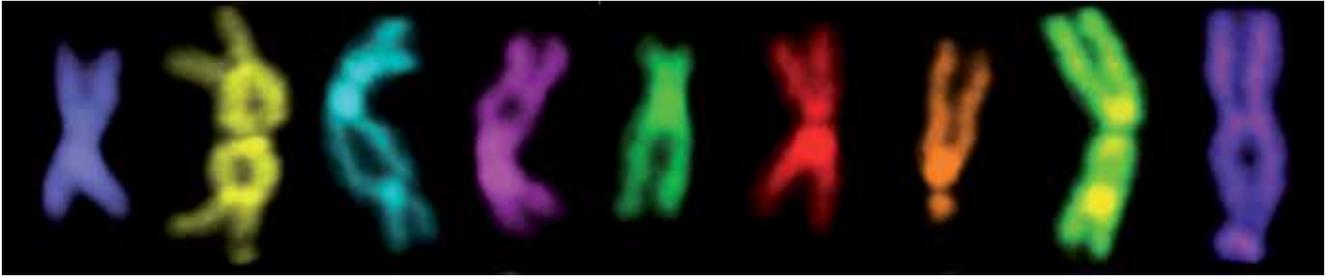
Da restante seleção, destaque para a curta-metragem *Mamma àr Gud*, que parte de uma conversa entre a realizadora sueca Maria Back e a sua mãe, que sofre de perturbações mentais, julgando ser Deus. A mãe nunca aparece no filme, apenas a sua voz. Mas, apesar da aparente ausência de progressão narrativa e do dispositivo minimal que o filme utiliza, a realizadora consegue transmitir a força da relação entre as duas, e o amor incondicional que as liga. Outro trabalho que se destaca nesta seleção é *Hands to the Sky, Catch Them & They're Yours*, uma curta de ficção norte-americana que conta a história de um homem com autismo que luta para provar, a si mesmo e ao tribunal, a sua capacidade para se responsabilizar pelo seu irmão mais novo, após a morte súbita da mãe. Destaque ainda para

Cuerdas, um filme, distinguido este ano em Espanha com o Prémio Goya de Melhor Filme de Animação, que recorre a técnicas de animação para contar uma história de amizade entre duas crianças muito especiais.

Com um júri presidido por Manuel Costa Cabral e constituído por João Mário Grilo, Miguel Valverde, António Caldeira Pires e António Roma Torres, o festival vai atribuir dois Prémios para Melhor Filme (1.º e 2.º lugar), para além do Prémio do Público. Todas as sessões são de entrada livre.

O Mind Rights Film Festival insere-se no **International Forum on Promoting the Rights of Children with Mental and Intellectual Disabilities**, em que será apresentado e discutido na Fundação Gulbenkian um novo relatório sobre estratégias de prevenção de violações dos direitos humanos das crianças com incapacidade mental, elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Haverá ainda intervenções de Melvyn Freeman (África do Sul) e Arthur Kleinman (EUA). A Plataforma Gulbenkian de Saúde Mental Global, que organiza este encontro, é uma parceria da Fundação com a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e com a OMS que procura desenvolver modelos inovadores para a saúde mental no contexto da Agenda da Saúde Global. ■

www.mind-rights.com



Cromossomas colados no sítio errado comprometem estabilidade

Durante a divisão celular, os cromossomas adquirem a forma característica de X, com os dois braços dos cromossomas (designados por “cromatídeos irmãos”) unidos numa região central que contém ADN muito compactado. À medida que a divisão celular prossegue, os cromatídeos irmãos são puxados para polos opostos da célula, originando a sua separação. Contudo, era até agora desconhecido se os rearranjos na arquitetura típica de X poderiam perturbar a correta separação dos cromossomas.

Um novo estudo, liderado por Raquel Oliveira, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), mostrou que a deslocação de segmentos específicos de ADN prejudica a correta separação dos cromossomas. A chave para compreender este problema reside na ação de proteínas chamadas “coesinas” que funcionam como uma cola que mantém os dois cromatídeos irmãos ligados na região central compactada dos cromossomas. Neste estudo, os investigadores monitorizaram a divisão celular em diferentes linhas da mosca da fruta, *Drosophila melanogaster*, contendo cromossomas

com secções de ADN altamente compactado deslocalizadas. Os resultados indicaram que a localização inapropriada destas regiões cromossómicas é suficiente para as coesinas se ligarem e levarem à formação de ligações adicionais entre cromatídeos irmãos. A presença destes locais de ligação extra leva a um alongamento anormal dos cromossomas durante a divisão celular, dado que é mais difícil “descolar” os cromatídeos. Raquel Oliveira, primeira autora deste estudo, comenta: “Muitas células cancerígenas apresentam este tipo de anomalias cromossómicas e mostrámos que estes defeitos podem trazer problemas adicionais de cada vez que uma célula se divide.”

Este estudo, publicado na revista científica *PLOS Biology*, foi iniciado por Raquel Oliveira durante o seu trabalho pós-doutoral na Universidade de Oxford e foi concluído depois de instalar o seu grupo no IGC. Foi desenvolvido em colaboração com investigadores da Universidade da Califórnia e da Universidade de Oxford. ■

Investigadores em retiro científico

Investigadores pós-doutorados do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), do Centro de Estudos de Doenças Crónicas (Cedoc) e do Instituto de Medicina Molecular (IMM) juntaram-se num retiro científico que decorreu em Sintra, de 29 a 31 de outubro. Este encontro teve como objetivo a estreita convivência de pós-doutorados dos diferentes institutos, oferecendo a oportunidade de parti-

cipação em atividades de arte e ciência, seminários sobre ciência e carreiras científicas, e *workshops* de comunicação em ciência. O evento contou com a participação de oradores nacionais e internacionais, como o jornalista António Granado, a cientista Maria Mota e o comunicador de ciência Malcolm Love. ■



CISA recebe fundações da CPLP

Conhecer no terreno um projeto em que intervém uma fundação do espaço da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em parceria com outros atores na área do desenvolvimento e cooperação, foi o objetivo da visita ao CISA – Centro de Investigação em Saúde de Angola, no âmbito do X Encontro de Fundações da CPLP. Este encontro decorreu em Luanda, o mês passado, com o tema Desenvolvimento Sustentado na CPLP: que metas

após 2015, e nele participaram representantes de fundações de Angola, Portugal, Brasil, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. O CISA resulta de uma parceria entre o Governo Angolano, a Cooperação Portuguesa e a Fundação Calouste Gulbenkian e tem como missão a realização e a promoção da investigação em saúde, atendendo às prioridades e necessidades de Angola. ■



Cerca de 300 cientistas de todo o mundo reuniram-se na Fundação Gulbenkian no início de outubro para a conferência da European Molecular Biology Organisation (EMBO). A conferência, organizada pela cientista Mónica Bettencourt-Dias, do IGC, abordou a estrutura e função de organelos que existem dentro das células – os centrossomas – e que são importantes para a multiplicação, movimento e função normal das células.

Um anel precioso nos jardins

A segunda edição da anilhagem científica de aves no Jardim Gulbenkian, que decorreu a 11 de outubro, permitiu aos participantes acompanharem o complexo processo de marcar com um anel as aves selvagens que sobrevoam o espaço. Este anel permite uma recolha preciosa de informação e, por isso, são anilhadas na Europa atualmente perto de quatro milhões de aves por ano.

O processo consiste na aplicação de uma anilha numerada e exclusiva no tarso de uma ave, que vai permitir o estudo de aspetos da biologia, ecologia e comportamento das aves selvagens, tornando-se útil para melhor conhecer os seus movimentos de dispersão e migrações. Esta atividade, incluída na programação do Descobrir, é realizada por investigadores credenciados da Universidade de Évora e possibilita aos participantes presenciarem uma sessão de anilhagem de aves selvagens, acompanhando as suas diversas fases: captura com redes especiais, colocação da anilha, medições, registos e, por fim, a libertação da ave. ■



© Diego Oliveira

C I Ê N C I A



E M C E N A

A Ciência em cena num concurso para os mais jovens

A 15 de novembro abrem as candidaturas para o concurso **Ciência em Cena**, dirigido a jovens entre os 14 e os 18 anos. Para concorrer basta registar em vídeo uma história sobre a diabetes, com duração até três minutos e da forma mais original possível. Cantar, dançar, representar – tudo é permitido, desde que o tema seja respeitado. As candidaturas fecham a **12 de janeiro**.

Os 20 melhores projetos serão selecionados pelo júri de pré-seleção e colocados *online*, onde passam a estar sujeitos à votação do público. As 10 histórias com mais *likes* ganham acesso à final que se realiza na Fundação a 7 de março de 2015. O prémio para os primeiros lugares é um cheque de 500 euros. Para além disso, a apresentação vencedora terá também a oportunidade de participar ao vivo na Gala da Maratona da Saúde, que será transmitida na RTP.

No âmbito do concurso, no fim de semana que antecede a final, irá realizar-se um *workshop* orientado pelo ator e encenador Romeu Costa e pelo cientista David Marçal. ■

www.cienciaemcena.pt.

Simpósio sobre autoimunidade

Médicos e cientistas da Unidade de Doenças Autoimunes do Hospital Curry Cabral/Centro Hospitalar Lisboa Central e do Instituto Gulbenkian de Ciência vão estar reunidos no dia 28 de novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian, no simpósio *Focus on Autoimmune Diseases*. Do programa faz parte a discussão sobre os mais recentes avanços nos estudos sobre doenças autoimunes. Esta reunião celebra o 21.º aniversário da Unidade de Doenças Autoimunes deste hospital e a mais recente parceria desta Unidade com o Instituto Gulbenkian de Ciência. ■

Aprender com arte



Escola Básica Raul Lino © Márcia Lessa

Os resultados, atividades e metodologias do projeto-piloto Educação Artística para um Currículo de Excelência, dirigido a alunos do primeiro ciclo do ensino básico, já estão disponíveis em livro. O projeto foi desenvolvido entre 2009 e 2013 na Escola Básica Raul Lino, em Lisboa, por iniciativa do Clube UNESCO de Educação Artística, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, e incluiu intervenções nas áreas de Expressão e Educação Musical, Expressão Dramática e Teatro, Expressão Plástica e Educação Visual e Expressão Físico-Motora/Dança, através da colaboração estreita entre especialistas qualificados e professores. Com conceção e coordenação de Ana Pereira Caldas e Eugénia Vasques, o livro *Educação Artística para um Currículo de Excelência* é apresentado no dia **13 de novembro, às 18h**, na Fundação Gulbenkian. ■



Henrique Leitão © Márcia Lessa

Conferências em Paris

A quem se deve a modernidade científica? Aos sábios ou aos artesãos? Esta questão será tema de uma conferência de Henrique Leitão na Sede da Fundação Gulbenkian em Paris no próximo dia 4 de novembro. Este professor e investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, responsável científico pela exposição *360° Ciência Descoberta*, apresentada no ano passado na Fundação Gulbenkian, prolonga o debate iniciado nessa exposição em torno dos fenómenos notáveis associados às viagens dos navegadores portugueses e espanhóis dos séculos XV e XVI e que estiveram na base da modernidade científica. Os temas, contextos e os atores desta discussão sofreram grandes alterações nos últimos anos, conduzindo a radicais mudanças no modo de compreensão desta questão absolutamente central da história da ciência.

Em novembro, terá lugar ainda um colóquio de dois dias (6 e 7) dedicado a Jacques Derrida, filósofo francês que marcou a história do pensamento do século XX. Uma década após a sua morte, a Delegação acolhe esta iniciativa da Fondation Maison des sciences de l'homme. ■

Ópera com texto de Agustina

A Fundação Gulbenkian acolheu, no final do mês passado, a estreia mundial de *Três Mulheres com Máscara de Ferro*, uma ópera de Eurico Carrapatoso a partir de um texto inédito de Agustina Bessa-Luís. Este drama em um ato, encenado por João Lourenço, com dramaturgia de Vera San Payo de Lemos e direção musical de João Paulo Santos, foi apresentado na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna no âmbito de um Colóquio Internacional dedicado à escritora.

As cantoras Ana Ester Neves, Patrícia Quinta e Angélica Neto deram voz às três personagens da peça – Fanny Owen, Sibila e Erna –, retiradas de três romances de Agustina. Bem acolhida pelo público e pela crítica, esta produção do Teatro Aberto teve ainda mais duas récitas naquele teatro vizinho da Fundação Gulbenkian. ■



In Media Res Melhor Filme Nacional

O documentário de Luciana Fina *In Medias Res*, sobre o pensamento e a obra do arquiteto Manuel Tainha (1922-2012), realizado com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, venceu o Prémio de Melhor Filme Português no Arquiteturas Film Festival Lisboa, que decorreu no final de setembro.

Nascido no âmbito de um projeto de produções cinematográficas da Fundação Gulbenkian sobre grandes figuras da arquitetura portuguesa do século XX, cujos espólios foram doados à Biblioteca de Arte da Fundação, o documentário *In Medias Res* parte dos textos de Manuel Tainha e de conversas gravadas entre 2010 e 2012, propondo uma leitura cinematográfica do pensamento e do universo do arquiteto, e um diálogo com a sua ética e poética.

Personalidade incontornável do pensamento arquitetónico em Portugal e do confronto com a modernidade, depois de abrir o seu ateliê nos anos 50, Manuel Tainha concebeu projetos durante quase seis décadas. O filme acompanha o seu percurso através de três obras projetadas e construídas entre os anos 50 e 70, filmadas hoje, num momento significativo da sua existência.

Em novembro, o filme poderá ser novamente visto em Lisboa, no Cinema Ideal, no dia 17, às 18h, no âmbito do Temps d'Images Film on Art Award. ■



Theatro Circo

A criatividade nas escolas

A artista plástica Joana Vasconcelos, o músico Pedro Abrunhosa, a cientista Mónica Bettencourt-Dias e o empresário (criador de *drones*) Nuno Simões, vão ser os animadores e orientadores da iniciativa A Criatividade nas Escolas, no dia 26 de novembro, no Theatro Circo de Braga.

Trabalhar com criadores reconhecidos, em diferentes áreas, tentando estimular alunos e professores do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário é um dos objetivos desta iniciativa do projeto Lide e da Fundação Calouste Gulbenkian, com o apoio da SIC Notícias. As escolas participantes pertencem aos distritos de Braga e de Viana do Castelo. ■

“Os novos músicos terão de ser cosmopolitas”

O QUE O LEVOU A ESCOLHER O CLARINETE COMO INSTRUMENTO PREFERENCIAL?

Quando aos oito anos fui para a banda filarmónica da minha terra (SF Lealdade Pinheirense), tinha a intenção de tocar saxofone porque gostava do formato do instrumento, no entanto a banda necessitava de clarinetes e acabei por ficar com o clarinete. Tive várias pessoas que me apoiaram, nomeadamente o sr. Ilídio e o sr. Francisco, que me guiaram sempre na descoberta e aperfeiçoamento deste instrumento, até ao momento em que entrei no Conservatório de Música de Coimbra.

GANHOU O PRÉMIO JOVEM MÚSICO DO ANO. CONSIDERA QUE ESTE PRÉMIO VAI INFLUENCIAR A SUA CARREIRA?

Completamente! O Prémio Jovens Músicos da RDP tem, além da enorme repercussão nos media, um reconhecimento e um incentivo que é ser considerado Jovem Músico do Ano. Ao tornar-nos mais conhecidos, abre também a



possibilidade de aumentar o número de concertos que fazemos, o que é muito bom para o desenvolvimento da nossa carreira. O prémio é também bastante prestigiado e reconhecido e fiquei muito contente por me ter sido atribuído. É um incentivo e uma responsabilidade para o futuro.

COMO SE MANTÉM LIGADO AO QUE VAI FAZENDO NA MÚSICA EM PORTUGAL?

O projeto da Orquestra XXI [reúne músicos portugueses que tocam em orquestras estrangeiras] foi um passo bastante grande nesse sentido. Fazemos alguns concertos, divulgamos um pouco das nossas vidas no estrangeiro e damos a conhecer também no nosso país. Além disso, vão aparecendo pequenas apresentações e, uma vez que há bastante facilidade em viajar na Europa, as distâncias tornam-se mais curtas e isso facilita o contacto com Portugal. Para mim, o facto de ir para fora não implica deixar Portugal, os músicos das novas gerações terão de ser cosmopolitas.



Madrid

QUE PLANOS TEM PARA A SUA CARREIRA?

No futuro imediato pretendo continuar a estudar, acompanhado por pessoas que considero importantes para o meu desenvolvimento. Aos poucos, pretendo solidificar a minha carreira, tentando entrar seriamente na rota de intérpretes nacionais. A longo prazo, gostaria de vir a fazer parte de uma orquestra, o que me permitirá ter outra estabilidade, que agora só possuo graças ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

HÁ ALGUMA ORQUESTRA DA QUAL GOSTARIA DE VIR A FAZER PARTE?

Há muitas orquestras na Europa às quais seria um privilégio pertencer. Em Portugal, sem dúvida nenhuma, seria fantástico poder fazer parte da Orquestra Gulbenkian.

Trabalho diariamente para me tornar melhor músico e melhor clarinetista, portanto espero um dia poder ganhar o lugar de solista numa orquestra.

COMO É VIVER EM MADRID?

Gosto bastante de viver em Madrid. É uma cidade com muita diversidade, muitas atrações turísticas, culturais e desportivas. Adaptei-me facilmente aos horários e ao estilo de vida que aqui se praticam e, aos poucos, fui gostando mais de Madrid para viver a longo prazo. Na música, tenho a oportunidade de assistir a grandes concertos e óperas, é um local de passagem dos melhores intérpretes, maestros e orquestras da atualidade, o que para mim é fantástico e extremamente enriquecedor. ■

**Bolsa de Estudo – Aperfeiçoamento artístico em Clarinete, na ESMRS, em Madrid*



em novembro



Aspetto da exposição © Márcia Lessa

A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha

Exposição que traz a Lisboa uma valiosa amostra dos tesouros acumulados pela Casa Real de Espanha ao longo de 350 anos. Ao todo, é apresentada centena e meia de peças de arte, muitas das quais remetem para a história das relações artísticas ou familiares entre Espanha e Portugal. Oportunidade para apreciar o melhor da produção de Espanha e da Europa em obras de mestres como Velázquez, Goya, Caravaggio ou El Greco, entre muitos outros. A exposição é organizada pelo Patrimonio Nacional de Espanha, instituição responsável pela preservação e divulgação dos bens móveis e imóveis que pertenceram à coroa, e tem o alto patrocínio do Rei de Espanha e do Presidente da República Portuguesa. ■

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN E SEDE DA FCG
GALERIAS DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Até 25 de janeiro 2015

Visitas Orientadas: terças, quintas e sábados às 15h

Conferências em torno da exposição

Auditório 3, às 18h, por Fernando Bouza

24 NOVEMBRO

Cultura e política em Portugal no tempo dos Filipes: reis ausentes, cortes de aldeia e república das Letras

25 NOVEMBRO

Uma nova Isabel para Espanha: a rainha D. Isabel de Bragança e Bourbon e a cultura do final do Antigo Regime

Mecenas “la Caixa” Foundation

António Dacosta

1914 | 2014



Aspetto da exposição © Paulo Costa

Exposição que assinala os 100 anos do nascimento desta figura notável do surrealismo em Portugal, e que reúne 135 trabalhos representativos do conjunto da sua obra, alguns dos quais inéditos ou menos conhecidos. Combina núcleos demarcados – o Surrealista dos anos 40 ou os Recomeços de 80 – com outros em que diferentes tempos se cruzam. Recusando uma abordagem cronológica, o curador, José Luís Porfírio, propõe ao visitante um percurso através de cinco núcleos temáticos: Cena Aberta, Crise Mitológica, Sul, Séries e Alfa e Ómega.

É também exposta alguma documentação, como manuscritos, iconografia, bibliografia, ilustrações e desenhos, para melhor se compreender a sua obra. ■

CAM

Curadoria: José Luís Porfírio

Até 25 janeiro 2015



Aspetto da exposição © Paulo Costa

Salette Tavares

Poesia Espacial

Exposição que revela uma artista que se destacou no contexto da poesia experimental na década de 1960 e que cruzou a produção literária com a prática artística. São reunidos trabalhos – alguns deles inéditos – desenvolvidos em múltiplos domínios e algumas peças que se encontravam danificadas foram propositadamente reconstruídas para esta exposição. ■

CAM

Curadoria: Margarida Brito Alves e Patrícia Rosas

Até 25 janeiro 2015



Aspeto da exposição © Paulo Costa

Caligrafia Japonesa

Esta exposição reúne obras-primas da caligrafia japonesa criadas por mestres contemporâneos que dão continuidade a uma prática que faz parte integrante da história e do quotidiano do povo japonês. Organizada pela Academia de Arte Caligráfica do Japão, em parceria com a Embaixada do Japão e a Fundação Calouste Gulbenkian. ■

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DA SEDE – PISO 01

Até 28 Dezembro



Aspeto da exposição © Tiago Paixão

Animalia e Natureza na Coleção do CAM

Em diálogo com a retrospectiva de António Dacosta, esta exposição inspira-se no universo iconográfico dos animais e dos quatro elementos presentes na obra de António Dacosta, apresentando 60 obras de pintura, desenho, fotografia, vídeo e escultura do acervo do CAM, realizadas por artistas de várias gerações. ■

CAM

Curadoria: Isabel Carlos e Patrícia Rosas

Até 31 maio 2015



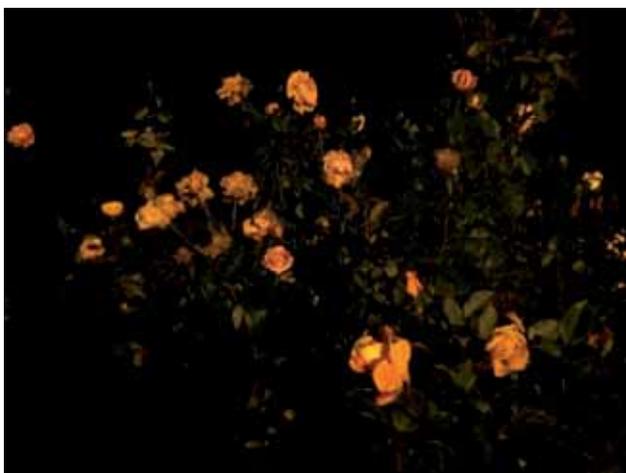
Uma Luz Diferente

Deste Lado da Ressurreição, Joaquim Sapinho

O nono programa Harvard na Gulbenkian – diálogos sobre o cinema português e o cinema do mundo celebra a cinematografia de Nathaniel Dorsky e de Joaquim Sapinho, e inclui filmes escolhidos pelos dois realizadores. As sessões acontecem no fim de semana de 21 a 23 de novembro na Sala Polivalente do CAM e na Cinemateca.

Nathaniel Dorsky (Nova Iorque, 1943) não é um realizador comum. Os seus filmes, todos curtas-metragens, todos mudos, não seguem a linha narrativa a que estamos habituados. Segundo Dorsky, no cinema existem duas formas de incluir o ser humano. Uma delas é retratando-o na própria história, a outra é criando um filme que tenha ele próprio todas as qualidades daquilo que é ser humano: a ternura, a fragilidade, a observação, o medo, a curiosidade, entre outras. Dorsky retira o ator do cinema e torna o ecrã a personagem principal que fala apenas e só através da imagem. Os seus filmes mostram “o mundo como ele é quando entra no buraco da minha Bolex [um tipo de camera]”, diz o próprio Dorsky, e revelam-nos a beleza escondida no mundano, na natureza, na obra humana, na luz e no seu efeito em todos os objetos.

Um dos curadores de Harvard na Gulbenkian, Joaquim Sapinho, acumula funções em *Uma Luz Diferente*, o título dado a este programa. No dia 21 é projetado *Deste Lado da Ressurreição*, o filme de sua autoria que marcou a sua apresentação ao diretor da cinemateca de Harvard, Haden Guest, o outro curador do ciclo. Foi no programa *The School of Reis*, organizado por Harvard e dedicado ao cinema de António Reis que Sapinho e Guest desenvolveram a ideia daquilo que é agora o Harvard na Gulbenkian, e no qual estava inserido o filme que agora vai passar no Centro de Arte Moderna. *Deste Lado da Ressurreição* conta a história de dois irmãos, Inês e Rafael, e as suas emoções relativamente ao divórcio dos pais, tudo com o Guincho e a Serra de Sintra a ocuparem um lugar importante no desenrolar da narrativa.



Summer, Nathaniel Dorsky



Sarabande, Nathaniel Dorsky

Para além dos filmes de Dorsky e Sapinho, o fim de semana vai contar com filmes de Robert Bresson e de António Reis e Margarida Cordeiro, escolhas feitas pelos realizadores convidados neste programa. *O Diabo, Provavelmente* (1977) e *Ana* (1982), as propostas dos dois cineastas, são exibidos no domingo, 23 de novembro. *Uma Luz Diferente* conta ainda com mais uma particularidade relativamente aos outros programas do ciclo, uma vez que os filmes de Nathaniel Dorsky (22 de novembro) vão ser projetados na Cinemateca Portuguesa e não na Sala Polivalente do CAM, como é habitual. ■



Winter, Nathaniel Dorsky

Programa

Uma Luz Diferente

SEXTA-FEIRA, 21 NOVEMBRO

18h30 – Deste Lado da Ressurreição (2011) / 116’
de Joaquim Sapinho. **Debate.**

SÁBADO, 22 NOVEMBRO

NA CINEMATECA

15h30 – *The Quartet*
Sarabande (2008) / 15’
Compline (2009) / 18’
Aubade (2010) / 11’
Winter (2008) / 21’
de Nathaniel Dorsky. **Debate.**

19h

Summer (2013) / 22’
December (2014) / 14’
Avraham (2014) / 20’
February (2014) / 16’
de Nathaniel Dorsky. **Debate**

DOMINGO, 23 NOVEMBRO

15h30 – filme escolhido por Nathaniel Dorsky
O Diabo, Provavelmente (1977) / 95’, de Robert Bresson

18h – filme escolhido por Joaquim Sapinho
Ana (1982) / 115’, de António Reis e Margarida Cordeiro
Debate.



Sentido e Forma da Poesia Neo-realista e outros Ensaios

Em 1940, Eduardo Lourenço chegava a Coimbra, com 17 anos. Foi nesta “cidade encantada, propícia aos amores, à boémia, às musas e à grave ciência” que aquele que é hoje considerado por muitos o maior pensador português do nosso tempo tomou contacto com o neorrealismo enquanto movimento cultural autónomo. Em 1937, começara a ser editada a revista *Cadernos da Juventude*, uma iniciativa de Fernando Namora, Políbio Gomes dos Santos e Manuel Filipe, em que colaboraram, entre outros, Mário Dionísio e Manuel da Fonseca. Estes factos relembram-os na introdução do segundo volume das Obras Completas de Eduardo Lourenço agora disponível, o seu coordenador, António Pedro Pita, professor catedrático da Universidade de Coimbra.

Neste texto de introdução a *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista e outros Ensaios* recorda também António Pedro Pita que, em 1942, era Eduardo Lourenço quem fundava a revista *Vértice*. “A leitura em sequência dos seus artigos desse período mostra com clareza uma descolagem do catolicismo tradicional, uma aproximação consciente à oposição ao salazarismo e uma percepção da diversidade das realizações literárias neo-realistas”, afirma o coordenador da obra.

O próprio Eduardo Lourenço acabaria por escrever em várias ocasiões sobre a sua experiência coimbrã, como o fez quatro décadas depois no depoimento “Como vivi a (pequena) história do neo-realismo”, publicado no jornal *Expresso*, em 1982, um dos muitos escritos agora reunidos. A obra está organizada em duas partes: na primeira reproduzem-se textos do livro *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*, publicado em 1968; na segunda parte, que abre com o poema “Aceitação” – ao que se sabe o único publicado por Eduardo Lourenço –, são reunidos outros ensaios, tematicamente: “Tempo de Vértice”, “Sobre Fernando Namora”, “Memória de Vértice”, “Cultura e Comunismo” e “À Margem”.

Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista e outros Ensaios é o volume sucessor de *Heterodoxias*, lançado no final de 2011. Este foi o primeiro de 38 volumes de um projeto que pretende reunir textos dispersos de Eduardo Lourenço escritos entre 1945 e 2010. O Projecto de Edição das Obras Completas de Eduardo Lourenço está a ser desenvolvido pelo Núcleo de Investigação de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Évora, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e a colaboração da editora Gradiva. ■

Mais informações: www.eduardolourenco.uevora.pt.

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

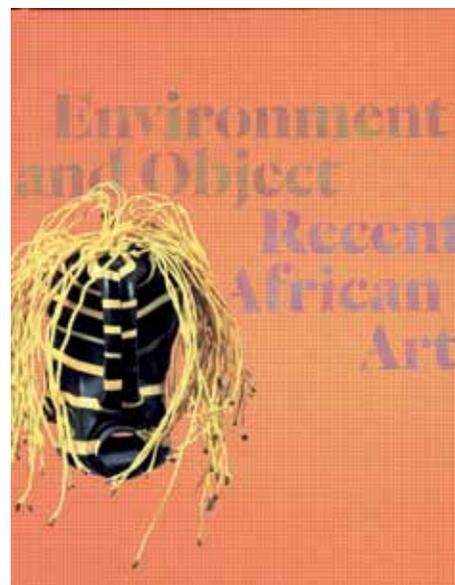
Em língua portuguesa, o termo que melhor pode traduzir o francês *raisonné* é “completo”. Contudo, é a palavra francesa que se utiliza para designar uma obra que reúna de forma compreensiva e anotada todos os trabalhos conhecidos e identificados de um artista; pode abranger apenas trabalhos realizados num determinado *medium* – gravura, escultura, desenho... – ou incluí-los na sua totalidade. O seu número de volumes está diretamente subordinado à vasteza e à variedade da atividade artística desenvolvida: por exemplo, o catálogo *raisonné* (CR) do pintor suíço Paul Klee (1879-1940) é constituído por nove volumes (com cerca de 600 páginas cada) e o de Picasso (1895-1973) – que começou a publicar-se em 1932 – tem 33 volumes. Até há pouco tempo, os CR eram editados em livro; nos últimos anos, todavia, têm vindo a aumentar os que são concebidos e desenvolvidos em ambiente digital, quer no âmbito de fundações ligadas a artistas (CR de Alexander Calder e de Isamu Noguchi), quer de museus (CR de Louise Bourgeois), quer ainda de universidades (CR de Picasso).

O catálogo *raisonné* da obra do pintor António Dacosta (1914-1990) é o primeiro em suporte digital dedicado ao estudo da obra de um artista português e foi disponibilizado por ocasião da inauguração no CAM da exposição *António Dacosta 1914-2014*, com a curadoria do crítico de arte José Luís Porfírio. A equipa de investigação é coordenada cientificamente por Fernando Rosa Dias, historiador de arte e professor da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, e dela fazem parte José Luís Porfírio, Miriam Rewald Dacosta (viúva do artista), Patrícia Rosas e Matilde Corrêa Mendes (investigadoras do CAM).

Em termos de organização da informação escrita e visual, o CR de António Dacosta tem sete partes: Obras; Exercícios; Biografia/Cronologia; Exposições; Bibliografia; Antologia; Textos (ensaios e depoimentos). Os depoimentos são de Bernardo Pinto de Almeida, Júlio Pomar, José-Augusto França e José Luís Porfírio e assinam os ensaios sobre o pintor, para além de Fernando R. Dias e José Luís Porfírio, Ruth Rosengarten e Luís Fagundes Duarte. Uma das vantagens do ambiente digital para editar um catálogo *raisonné* é, precisamente, o facto de esse ambiente permitir a atualização constante da informação. Assim, o que se pode consultar em www.dacosta.gulbenkian.pt é ainda um trabalho em construção que, certamente, vai permitir adicionar nova informação sobre a obra do artista. ■

Entre fevereiro de 2011 e abril de 2012, a exposição *Environment and Object: Recent African Art* foi apresentada em três instituições norte-americanas: o Francis Young Tang Teaching Museum and Art Gallery do Skidmore College (Saratoga Springs, Nova Iorque), a Anderson Gallery da Virginia Commonwealth University (Richmond, Virgínia) e o Museum of Art do Middlebury College (Middlebury, Vermont). A sua organização esteve a cargo da primeira instituição, sob a responsabilidade curatorial de Lisa Aronson, professora de História de Arte no Skidmore College, e John S. Weber, curador do Tang Museum.

O propósito desta exposição foi permitir a análise e a reflexão sobre a produção artística contemporânea de artistas africanos, sob dois pressupostos conceptuais e estéticos que, frequentemente, se interpenetram: o impacto do meio ambiente no quotidiano das populações e de que modo os objetos considerados “lixo” são recuperados e “reciclados” artisticamente. Foram mostradas peças de escultura, fotografia, pintura e vídeo, criadas quer por artistas a viver no continente, quer por artistas da diáspora africana, como El Anatsui, Zwelethu Mthethwa e Yinka Shonibare, Bright Ugochukwu Eke e George Osodi, entre outros. Da exposição ficou o catálogo com o mesmo título, que contém, para além dos dois ensaios da autoria dos curadores, outros escritos por Karen Kellog, historiadora de arte, Mark Auslander, antropólogo e diretor do Museum of Culture and Environment da Central Washington University, e Chika Okeke-Agulu, artista, curador, historiador de arte e professor na Princeton University; todos os ensaios estão profusamente ilustrados com as obras. ■



Biblioteca de Arte

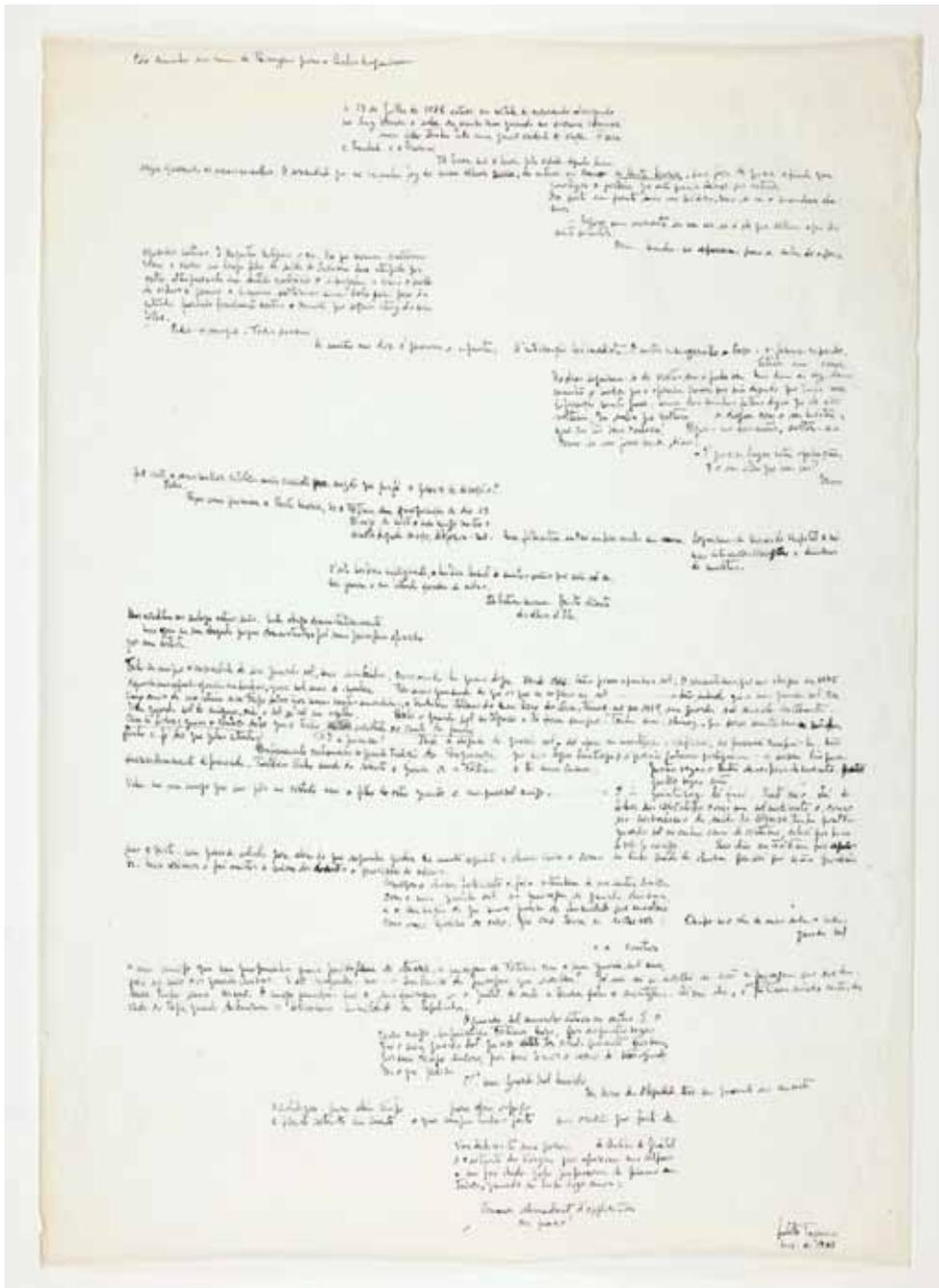
Pelo caminho um ramo de paisagens para Carlos Nogueira

Uma das recordações mais gratas da infância de Salette Tavares era, como escreveu no texto de cariz autobiográfico do catálogo da exposição *Brincar* – realizada na Galeria Quadrum em 1979 –, a dos seus dois jardins: o que tinha na escola, onde lhe “deram um bocado de terra, e outro em casa, onde a pedi”, nos quais enterrava “com os dedos as sementes” das plantas que aí semeava. Para além dessa memória feliz, Salette não deixou nunca de considerar os jardins e os elementos da natureza como componentes decisivos no desenvolvimento criativo das crianças, como afirmou no mesmo texto: “É preciso que não separemos as crianças dos jardins e não as deixemos morrer atrofiadas pelas lojas de brinquedos que, como todas as lojas da civilização de agora, com as suas mon(s)tras comem as infâncias das crianças, dos papás e dos avós.” Quanto aos seus dois jardins da infância, eles ficavam na cidade à beira do oceano Índico, que hoje se chama Maputo, onde Salette Tavares nasceu, em 1922, e onde viveu com a família até aos dez anos.

Esta dimensão lúdica associada à infância esteve presente continuamente em todas as obras que Salette Tavares realizou e foi por ela sempre assumida sem complexos. “Brincar é a criatividade da infância que levamos pela vida fora, se o soubermos”, escreveu em 1975. O gosto de brincar e, sobretudo, de brincar com as palavras começou precocemente, nas suas brincadeiras de menina: “Com poucos brinquedos, tudo era brinquedo, folhas, frutos, gafanhotos, terra, lata e até nada. E este nada é importantíssimo. Bastava a palavra que se coisificava. Era tão fácil jogar com ela como jogar à bola”, revelou no já citado texto de 1979. A palavra havia de ser “a coisa mais linda” da sua vida e o uso que dela fez tornou Salette Tavares uma das figuras mais proeminentes do designado Movimento da Poesia Experimental (MPE), nova forma de expressão poética de carácter vanguardista que se desenvolveu e afirmou além-fronteiras e entre nós, entre as décadas de 1950 e 70. Em Portugal, no contexto de repressão em que se vivia, este movimento, para além do

carácter de contestação ao meio literário, teve igualmente um lado de contestação política ao regime, que foi, aliás, partilhado no âmbito das artes plásticas e das artes performativas. Para além de Salette Tavares, os protagonistas do MPE foram Ernesto de Melo e Castro, António Aragão e Ana Hatherly e, durante aqueles anos, produziram textos visuais, organizaram e participaram nos primeiros *happenings*. Até 1994, ano em que faleceu, a sua sólida formação filosófica e estética levou ainda Salette Tavares a desenvolver uma prolífica atividade de crítica de artes plásticas em diversas publicações, tendo sido presidente da secção portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) entre 1974 e 1977; da sua atividade pedagógica, salienta-se a sua passagem como professora de Estética no então recém-criado Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual), onde realizou o happening *Sou Toura Petra*. Entre a sua obra poética publicada contam-se *Espelho cego* (1957), *Concerto em Mi Maior para Clarinete* (1961), *Quadrada* (1967) *14 563 Letras de Pedro Sete* (1967) e *Lex Icon* (1971), este com prefácio de Gillo Dorfles na edição italiana.

Pelo caminho um ramo de paisagens para Carlos Nogueira é um texto manuscrito em prosa poética, escrito em esferográfica de tinta preta, com uma caligrafia clara e bem desenhada, numa frágil e transparente folha de papel vegetal, assinado e com a data de novembro de 1983. O texto tem uma acentuada carga biográfica, relatando um dramático acontecimento da vida familiar de Salette Tavares; talvez por isso, apresenta algumas rasuras e palavras emendadas, como se dum rascunho se tratasse. Apesar da dramaticidade do acontecimento relatado – o grave acidente de automóvel de seu filho –, existe no texto uma espécie de ironia e um certo *nonsense*. Como em outras das suas obras poéticas, encontra-se também nesta a preocupação com a espacialidade na organização do corpo do texto, através da utilização gráfica dos espaços em branco na página, criando assim não só um ritmo visual, como um ritmo de leitura. Dedicada ao artista plástico Carlos Nogueira (n. 1947), esta



obra foi “a paisagem de resposta” de Salette Tavares a um dos postais que o artista recriou, modificando-os criativamente, intitulando-os “paisagens de mandar”, e que enviou a alguns dos seus amigos. A “paisagem de mandar” que Carlos Nogueira enviou a Salette era um postal de Fátima onde, no meio de um conjunto de chapéus-de-chuva escuros, sobressaía ao olhar um guarda-chuva amarelo. Na sua “paisagem de resposta”, Salette Tavares fala da sua impossibilidade de apanhar sol e dos seus guarda-sóis: aquele “com treze anos de uso estava um trapo salvo por umas varetas remendadas”, o “guarda-sol amarelo brilhante – meu guarda-sol de enigma, onde o sol se vê em espelho”,

oferecido pela tradutora italiana de *Lex Icon*, um outro “chinês, que serve muito bem na minha casa de Lisboa”. Esta obra, que foi doada por Carlos Nogueira à Biblioteca de Arte em 2014, integra a exposição sobre Salette Tavares que o CAM apresenta até janeiro do próximo ano. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP Pelo caminho um ramo de paisagens para Carlos Nogueira [Texto manuscrito] / Salette Tavares
PRODUÇÃO 1983
DESCR. FÍSICA 1 folha de papel vegetal ; 86 x 61 cm
NOTAS Ex. manuscrito a esferográfica de tinta preta em Novembro de 1983
PROVENIÊNCIA Doação Carlos Nogueira
COTA(S) LA 262

Cinema no Grande Auditório



O Cinema está de volta
a partir de dezembro